

## Apêndice 1

### O Pàrkapê

#### A origem do Pàrkapê

O **pàrkapê** é a principal cerimônia para finalização do luto (a outra é o **mẽ ôkréporundi**). Ela é uma cerimônia na qual participam idealmente todos os Apinaje, inclusive os **mẽ karõ** se fazem presentes. Durante todo o período de duração da cerimônia do **pàrkapê**, os **mẽ karõ** também participam. Seja nas corridas de toras, nas noites no pátio e, sobretudo, na última noite, quando se canta a cantiga do **pàrkapê**. A memória deste cerimonial está relacionada ao episódio de um **Apinaje** que visitou o céu.

#### A origem descrita por Nimuendajú

Este episódio foi relatado por Nimuendajú ([1939] 1983:138-139). A seguir, transcrevo a descrição feita por ele.

*a) Havia um homem que estava doente com febre quando lhe entrou uma saúva no ouvido e mordendo-o ficou segura pelas mandíbulas. O corpo do doente cobriu-se de feridas infectas. Os seus parentes saíram para uma longa caçada, deixando-o só na aldeia. Um beija-flôr achou o homem abandonado e vendo os seus sofrimentos, tirou-lhe a saúva do ouvido com o bico. Uma mosca varejeira, porém, foi ao céu e avisou aos urubus que acudiram em grande número<sup>1</sup>.*

---

<sup>1</sup> B) Um índio ficou coberto de feridas em todo corpo, de maneira que não podia se levantar mais. Sua mulher enfadou-se dele porque não podia mais trazer caça. Quando os índios resolveram mudar a aldeia, a irmã do doente chamou-o para vir com ela, mas ele respondeu que o deixassem em paz. Então, abandonaram-no sozinho numa esteira, no meio da casa. Quando todos tinham ido embora, um urubu começou a girar por cima da aldeia, descendo, por fim, ao terreiro da casa onde jazia o doente. Ouvindo os seus gemidos, o urubu aproximou-se e perguntou ao doente quais eram os seus sofrimentos. Vendo que não tinha alimentação alguma, o urubu voou e foi buscar carniça, que ofereceu ao doente; este, porém, desculpou-se dizendo que ia comer mais tarde. O urubu voou de novo para chamar os companheiros, mas primeiro encarregou o gavião caracaraí de cuidar do doente. O gavião trouxe três ratos que o homem comeu. Na manhã seguinte chegou um enorme bando de urubus. Todo o terreiro estava coberto de deles. Esperaram a chegada do urubu rei. Este, quando veio, consolou o doente, pois haviam de tratar dele. Mandou que o arrastassem na sua esteira para o terreiro, onde os urubus limparam suas feridas. Depois mandou que o doente fechasse os olhos e que só os abrisse quando lhe dessem ordem para isso.

*Os urubus deitaram o homem sobre suas asas e o suspenderam voando para o céu. Outros voavam debaixo dele para apoiá-lo. Quando chegaram ao céu deram-lhe licença para abrir os olhos; viu, então, a terra muito longe, lá embaixo; viu sua mulher e os outros, que estavam acampados numa cabeceira. Os urubus vomitaram a carniça que tinham no papo, oferecendo-a ao doente, dizendo que era mingau de mandioca. Uma anta, que tinha comido frutas, trouxe-lhes os excrementos para comer, mas o gavião finalmente o regalou com boa carne assada.*

*Depois o trovão (Nda-klág) mandou chamar o homem. Este teve muito medo de ir ter com ele, pois via que na sua casa constantemente os raios fuzilavam e que havia um ninho de marimbondos por cima da porta. Por fim, entrou. Nda-klág estava todo pintado de preto, como as nuvens da trovoada. Quando brandia a sua espada de madeira, saía um raio, seguido por um trovão.*

*O homem passou muito tempo na casa dele, onde foi bem tratado. Quando se despediu, o trovão lhe fez presente de uma espada, das que ele próprio usava. Os urubus levaram-no outra vez para terra, da mesma maneira como o tinham trazido.*

*Depois da mudança da aldeia, os seus parentes tinham, um dia voltado à tapera para ver o que era feito dele nada mais achando, senão muitos rastros de urubus. A mulher dele já tinha arranjado outro amante, que não quis abandonar, mesmo depois da volta do marido. Enquanto o homem estava caçando, o amante veio ter com a mulher. A espada de trovão que aquele tinha pendurado ao lado do jirau, despediu um raio, assustando os dois, que adiaram o encontro para a noite, no campo. Mas quando eles estavam se abraçando nas moitas, a espada mandou um lacrau que ferrou a ambos nas partes sexuais. Quando o homem voltou da caçada, acusou a mulher publicamente de adultério, dizendo que tinham quem a espionasse. Ele abandonou a mulher infiel e quando ela foi ao mato com o amante, mandou um enxame de marimbondos assaltar os dois.*

### **Descrição da Origem feita por Grossinho (Novembro de 1996)**

Um rapaz tinha morrido. Os habitantes da aldeia colocaram-no sobre duas toras, no pátio, e cobriram com esteira. E mudaram-se para outra aldeia. Um urubu desceu e começou a andar pelas casas. Em cada uma, punha a cabeça dentro e observava. Depois que fechou o círculo, foi até o pátio. Lá encontrou as toras. Levantou a esteira e viu o morto. Voou para o céu e contou para seu chefe que havia encontrado um morto. Desceram para o pátio com um **wajaga** (curador). O urubu **wajaga** não conseguiu curar o índio. Então mandou buscar outro **wajaga**. Mandou buscar o mutuca. O mutuca olhou e disse: *ele não está morto não! Está dormindo. Querem ver?* Sentou-se na perna do rapaz, picando-o. O rapaz despertou espantado. Perguntaram o que fazia. Ele respondeu que apenas dormia.

Então os urubus perguntaram o que fariam com o rapaz. O chefe dos urubus respondeu que o levariam para o céu para terminar o tratamento. Antes, porém, resolveram fazer uma "festa" para sua saída. Reuniram lenha para a fogueira e cantaram a noite toda. Recomendaram ao rapaz que aprendesse a cantiga, pois ele poderia cantá-la quando uma pessoa morresse. O rapaz aprendeu a cantiga do **pàrkapê** que foi cantada durante a noite toda. Na manhã seguinte, os urubus fizeram uma "cama" com as asas e colocaram o rapaz deitado sobre elas, e o levaram para o céu. Lá no alto, os urubus deixaram-no, propositadamente, cair em queda livre, aparando-o em seguida. O chefe dos urubus repreendeu esta atitude. Os urubus retrucaram que estavam apenas exercitando-se.

Chegados ao céu, o rapaz foi levado para a casa do chefe dos urubus. Ofereciam apenas carniça para o rapaz, que estava com fome. Mas ele não comia. Os urubus vendo isso, chamaram o gavião penacho. Este dava apenas comida boa: filhote de veado, tatupeba. Com isso, o rapaz foi melhorando.

Então "Deus" chamou o rapaz. Ele queria conhecê-lo. O rapaz foi até onde estava "Deus". Lá chegando, foi mordido por uma cobra. Lá ficou aprendendo a tratar-se até que curou-se da picada da cobra.

Depois foi São Pedro que o chamou. O terreiro da casa de São Pedro era limpo. Lá um toco furou o pé do rapaz. Ali ele ficou até curar-se da ferida.

Em seguida foi chamado por **Nakrak** (raio e trovão). Lá também um toco furou o pé do rapaz. O **Nakrak** tratou do pé do rapaz, ensinando-o.

Quando o rapaz sentiu-se curado, o **Nakrak** falou para que o rapaz treinasse para demonstrar se tinha aprendido. Passaram carvão pelo corpo todo, inclusive pelo rosto. O **Nakrak** tocou sua buzina (sericora) e, com isso, provocou vento, trovoada e mormaço na terra. Em seguida, **Nakrak** escolheu algumas árvores para serem derrubadas pelos raios. **Nakrak** tinha uma espada, da qual fazia sair raios quando sacudia. **Nakrak** atirou o raio primeiro, derrubando uma árvore. Em seguida o rapaz demonstrou que também podia fazer. **Nakrak** convenceu-se de que o rapaz havia aprendido.

Então o rapaz disse que desejava voltar para sua aldeia e para seu povo. **Nakrak** o presenteou com uma flecha mágica que caçava sozinha. Ela seguia o rastro dos animais e matava uma vara de queixada toda.

Os urubus se prepararam e desceram o rapaz, que foi deixado próximo da aldeia nova, para onde se transferiram os apinajé antes de abandonaram a aldeia velha.

### **Descrição da cerimônia do Pàrkapê**

Quando ocorre a morte de uma pessoa, um de seus arranjadores de nomes solicita ao cantador que sabe cantar as cantigas do **pàrkapê**, para que as execute no velório. Em troca, o cantador é recompensado pelo arranjador de nomes. Estas cantigas são aquelas que um **Apinaje** aprendeu com os urubus. Com a execução destas canções no velório, os nominadores comprometem-se a realizar a cerimônia do **pàrkapê**.

Passado alguns meses, realiza-se a cerimônia. O ideal é que ocorra durante o período da seca. No caso de a pessoa morta possuir uma roça, seus produtos serão consumidos na cerimônia. Caso contrário, uma roça pode ser plantada com esta finalidade. Para este fim, contribuem os **tôjaja** e **tôxjaja** do arranjador de nomes que solicitou a

execução da cantiga durante o velório. Pode ocorrer, também, que se utilize apenas os produtos das roças já existentes, plantadas pelos **tōjaja** e **tōxjaja**.

Uma cerimônia de **pàrkapê** é realizada, comumente, em memória a mais de uma pessoa morta. Em alguns casos, cada tora pode representar uma ou mais pessoas. Num **pàrkapê** realizado nos mês de Julho de 1999, cada tora representava três pessoas falecidas. Contudo, as toras têm uma representação dupla. Por um lado, elas representam a própria pessoa falecida. Por outro, representa um filho (**kra**) da pessoa. Esta questão se tornará mais clara quando da descrição da nominação que é feita na tora, no último dia da cerimônia.

O início da cerimônia do **pàrkapê** é marcado com a derrubada de uma árvore<sup>2</sup>, chamada (exatamente) de **pàrkapê**, da qual se extraem duas toras medindo entre um metro e vinte a um metro e cinquenta centímetros de comprimento. Logo que a árvore é derrubada, alguns homens de meia-idade dirigem-se ao local onde elas serão colocadas para serem trabalhadas. Limpam o local, cortando todas as ramagens e retiram ainda as folhas secas que cobrem o chão. Em seguida, cantam.

As toras são levadas a este local. Ali, elas serão escavadas, de ambos os lados, tornando-as parcialmente ocas. Cada lado fica com um oco de cerca de cinquenta centímetros, de tal forma que, numa tora de um metro e quarenta, somente ficará madeira inteiriça em cerca de quarenta a cinquenta centímetros. Este processo de preparação das toras segue-se por cerca de dez a quinze dias, ou mais, dependendo do desempenho do cavador, bem como do desempenho da própria cerimônia.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Pode-se, também, utilizar toras de buriti para este fim.

<sup>3</sup> Na cerimônia realizada em Julho de 1999, passaram-se vinte e cinco dias entre a derrubada da árvore e a corrida final da tora grande.

O homem que é convidado para escavar a tora, é recompensado diariamente com alimentação pelo arranjador de nomes (ou arranjadora) e também o promotor da cerimônia. Além da comida, pode ser que receba também alguma outra recompensa pelo trabalho realizado.

Do dia da derrubada da tora grande em diante, realizam-se corridas diárias de tora. Para tal fim, são cortadas outras toras, seja de buriti, ou de babaçu. É comum que se realize corridas infantis (de toras), com as crianças correndo com pequenas toras cortadas de uma palmeira chamada Patí. É também comum a corrida feminina de toras, cortadas igualmente de Patí, ou de um babaçu não muito grosso.

À tarde, um cantador incumbe-se de andar no **kríkape** (caminho em frente das casas) e chamar os corredores para se reunirem na casa do promotor da cerimônia. Ali, os corredores são pintados com tinta de jenipapo e ucuru, segundo os motivos próprios das duas metades que se formam para estas corridas. As pinturas com motivos horizontais são característica da metade Katàm, enquanto que as com motivos verticais são próprias dos membros da metade Waxmẽ.

A chegada destas corridas diárias de toras, é aguardada pelas irmãs classificatórias (**tõxjaja**) do(a) promotor(a) da cerimônia, no pátio. Elas têm a incumbência de levar água e comida para servir aos corredores. Assim que a tora chega, um cantador já está pronto para dar início aos cantos. Após comer e beber, os homens se colocam atrás do cantador e o acompanham na sua "dança" em frente à fila de mulheres que cantam paradas.

Desde a derrubada da tora do **pàrkapê** ocorre a execução de cantos noturnos no pátio. Tais cantos são chamados de **gà mẽgrer** (cantigas comuns para cantar no pátio). Para chamar as pessoas para irem ao local, um cantador anda pela **kríkape** cantando e chamando a todos. O ideal é que os cantadores passem a noite toda cantando no pátio.

Atualmente, entretanto, canta-se até dez ou onze horas da noite. Em seguida todos vão dormir. Por volta de três ou quatro horas da madrugada, o cantador incumbido de chamar as pessoas para o pátio, canta novamente no **kríkape**. As pessoas, então, reúnem-se no pátio e cantam até o amanhecer.

Durante o transcorrer destes dias, as mulheres que são **tõxjaja** do(a) promotor(a) da cerimônia, auxiliam tanto levando água e comida ao pátio, quanto ajudando na preparação de massa de mandioca que será consumida ao longo dos dias e, sobretudo, no final da cerimônia. Cooperam, ainda, na preparação de tinta de jenipapo<sup>4</sup> e de tinta de urucu<sup>5</sup>. Neste período, os homens que são **tõjaja** daqueles que promovem a cerimônia, encarregam-se de realizar uma caçada. A carne conseguida servirá para se confeccionar os **wxÿkupu** (bolos feitos com mandioca e assados sobre brasas quentes, e cobertos com terra) e também para ser distribuída na finalização da cerimônia.

O ápice da cerimônia do **pàrkapê** ocorre nos dois últimos dias. No penúltimo dia, as toras, já devidamente escavadas, são levadas a um local previamente definido, onde são colocadas sobre esteiras ou folhas de palmeiras, sendo cobertas da mesma forma. Ali, elas passam a noite.

Neste penúltimo dia, intensificam-se os trabalhos de preparação de alimentos. Caso os animais caçados não sejam suficientes, pode-se matar uma cabeça de gado. Com essas carnes, fazem-se os **wxÿkupu**, servidos à noite no pátio e também para retribuir aos corredores que carregam as toras na última corrida. Boa parte da carne é cozida e servida às pessoas que passam a última noite no pátio. Outra parte, pode ser moqueada e oferecida ao

---

<sup>4</sup> A tinta do jenipapo é extraída ralando-se as sementes de jenipapos verdes.

<sup>5</sup> A tinta do urucu é extraída da semente do urucu maduro, mas não seco. Pilam-se as sementes, que são depois misturadas a água. Peneira-se para que se extraia a polpa das sementes, ficando apenas a água vermelha. Esta vai ao fogo até engrossar. Depois de bem grossa, a massa é colocada em um pano, apertada e colocada ao sol para secar. Assim, está feito o **pÿkrã**.

morto, sendo distribuída no pátio entre os moradores e visitantes, exceto aos membros da família da pessoa falecida e às pessoas promotoras da cerimônia.

Neste penúltimo dia, após a realização da corrida de toras, bem ao entardecer, acontece o ritual do **Rôrôt**. Duas mulheres enfeitam duas bonecas com enfeites pessoais confeccionados com miçangas e penas. Colocam-nas em faixas de buriti utilizadas para carregar bebês. Acompanhadas das bonecas, vão até o pátio, após a corrida de toras, e executam o **Rôrôt** (veja foto abaixo). Este consiste em um canto e uma dança específica. O cantador posiciona-se à oeste, defronte as mulheres que se colocam à leste. O cantador canta e aproxima-se das mulheres num movimento circular. As mulheres também se movimentam, como se estivessem sendo empurradas pelo cantador, de tal forma que todos eles acabam por ficar num círculo. Giram inicialmente no sentido anti-horário. Em seguida,



Ritual do **Rôrôt**

executam o movimento inverso. Ao terminar o canto, voltam à posição original.

Durante a execução do **Rôrôt**, as pessoas que são promotoras da cerimônia,

bem como os **tôjaja** e as

**tôxjaja**, devem recompensar (**o ahjen**) os cantadores com qualquer tipo de objeto. No pescoço dos cantadores são colocados colares de miçangas, pratos, copos, colheres, panelas, todos amarrados com embira, panos e roupas que são colocados sobre seus

ombros. Uma pessoa por ele designada, encarrega-se de ir retirando essas recompensas e guardá-las. Terminado o **Rôrôt**, dispersam-se todos.

Voltam a se reunir novamente à noite no pátio. Neste penúltimo dia (sendo, obviamente a última noite da cerimônia) todos devem passar a noite naquele local. Os promotores da cerimônia trazem, então, tudo que oferecem para ser distribuído aos participantes. Idealmente todos que são da família do falecido devem oferecer alguma coisa para ser colocada ali. Entenda-se por família, tanto os consangüíneos quanto os



Bens oferecidos aos mortos na cerimônia do **pàrkapê**

classificatórios. Sacos de farinha, sacas de arroz, cofos de batata doce, de inhame, de laranja, de feijão fava, feixes de cana, são colocados no centro do pátio, formando uma boa pilha de bens a serem distribuídos. Junto a esta pilha, constrói-se um varal no qual

são dependurados todo tipo de materiais ocidentais, como copos, pratos, bacias, panelas, colheres, tecidos, roupas, bolacha, biscoito (foto acima).

Durante esta última noite, não se executam as cantigas comuns de pátio. Canta-se, apenas, as cantigas que compõem o **pàrkapê**. Os cantadores (homens e mulheres) sentam-se em esteiras ao lado da pilha de alimentos, colocados no centro do pátio. Como se estivessem num velório, executam a mesma cantiga executada no velório. Enquanto cantam, pessoas da família dos falecidos representados na cerimônia aproximam-se, repetindo o gesto comum no velório que é chegarem em grupos como se estivessem vindo



visitar o morto. Neste momento, agacham-se junto à pilha de alimentos e choram. Nestes momentos, os cantadores interrompem o canto, esperando para recomeçar quando terminar a lamentação.

Ao longo da noite, além dos cantadores do **pàrkapê**, outras pessoas que saibam cantar alguma cantiga também podem executá-las. Assim o fazendo, devem ser recompensadas (**o ahjen**) pelos membros dos grupo promotor da cerimônia (os **tōjaja** ou **tōxjaja**). Na cerimônia que assisti em Julho de 1999, três mulheres foram "contratadas" pela filha consangüínea de uma mulher representada na cerimônia, para cantarem durante à noite toda. Ao contrário dos cantadores do **pàrkapê**, estas mulheres cantam em pé, girando em volta da pilha de alimentos (que neste caso representa os mortos), estendendo os braços, de vez em quando, como se cobrisse a pilha de alimentos. Elas cumpriram seu compromisso e cantaram até o amanhecer.

Por volta de meia noite, executa-se uma parte do canto do **pàrkapê** que indica a distribuição de comida para os participantes. Então é oferecido arroz e carne cozida ou moqueada aos presentes. Pode ser que a distribuição dos materiais ocorra neste horário (como vi acontecer num **pàrkapê** em julho de 1997), ou então que a distribuição ocorra somente ao amanhecer (como ocorreu em julho de 1999). Depois de todos terem se alimentado, recomeçam os cantos.

Durante toda esta noite, os **mẽ karõ** estão participando, mas somente podem ser vistos pelos **wajaga**.

Ao amanhecer, o cantador do **pàrkapê** e duas mulheres dirigem-se ao local onde estão localizadas as duas toras. No caminho, elas entoam um tipo de canto fúnebre que se executa quando se está indo visitar uma pessoa que está sendo velada, ou no momento em que se transporta uma pessoa morta. As mulheres ornamentam as toras, pintando-as com

uma base de tinta de urucu. Sobre esta base aplicam látex (denominado pau-de-leite) de acordo com o motivo da metade Waxmẽ ou Katàm. Sobre as listas de látex, aplicam-se "lã de pati". Trata-se de um tipo de pluma que se consegue através da raspagem das partes internas da base da folha da palmeira pati ou, eventualmente, na ausência desta, da base da folha de babaçu. Além destas pinturas, as toras recebem também um tipo de enfeite utilizado pelos corredores de tora. Este consiste em uma linha comprida de miçangas, que termina com penas de papagaio ou arara. Este enfeite é preso no pescoço, ficando pendido nas costas do corredor. Estes ornamentos colocados na tora são **kĩnxà** e podem ser retirados pelas pessoas presentes.

Logo em seguida começam a chegar as pessoas da aldeia. Elas começam a chegar em grupos, semelhante ao que fazem quando vão visitar a pessoa que está sendo velada. Chegam, agacham-se próximo da tora e choram. Enquanto isso, o cantador executa as mesmas cantigas de **pàrkapê** que foram cantadas durante à noite. Outra vez as pessoas podem cantar em volta da tora, como haviam feito à noite no pátio. Novamente as pessoas que fazem parte do grupo da pessoa promotora da cerimônia recompensam o cantadores com objetos, sobretudo com miçangas. Durante toda a manhã, os homens vão sendo pintados com os mesmos estilos que estão sendo enfeitadas as toras, formando os dois times que participarão da última corrida.

No meio da manhã, as pessoas começam o ritual de nomeação das toras. Neste instante, a tora representa não a pessoa morta, mas um filho dela. Desta forma, as pessoas que são arranjadoras de nomes da pessoa falecida (seus **nã** e **pãm**) transmitem à tora os nomes que portam. Fazem isso porque o ideal do sistema de nomeação consiste em que uma pessoa nomine outra (que lhe esteja na posição de filho classificatório) com os nomes de seu próprio nominador (seu **pãm** ou **nã**). Desta forma, os arranjadores de nomes da

pessoa falecida aproveitam a ocasião para tornarem-se nominadores-epônimos da tora, da mesma forma como seriam (e muitas vezes são quando se trata de pessoa falecida em idade adulta) nominadores-epônimos dos filhos da pessoa que faleceu. Ao realizar o ritual de nomeação, mantém-se a possibilidade da continuidade da transmissão dos nomes.

Enquanto isso, algumas mulheres cuidam de cozinhar o arroz e a carne que serão servidos aos presentes. Por volta das doze horas, as pessoas alimentam-se com a comida preparada.<sup>6</sup>

Logo em seguida, realiza-se o ritual de **mẽ kãm nhôt**. Arranjadores e arranjadoras colocam seus filhos e filhas nominados, em fila. Pedem para que um **kràmngêx júnior** seu coloque-se ao lado da criança. Uma pessoa determinada desempenha o papel de inspecionar os órgãos sexuais das crianças para verificar, segundo os **Apinaje**, se a criança já está tendo relação sexual. Assim que ele tenta examinar a primeira criança, todas as outras saem correndo. Os **kràmngêx**, munidos de pedaços de pau ou com um facão, correm até uma árvore próxima e batem nela. Afirmam a preferência por uma árvore de madeira dura, pois assim estarão contribuindo para o crescimento saudável de seu jovem **pahkràm**.

Antes das pessoas que não participarão da corrida voltarem à aldeia, os **Ihpôknhõxwýnh** realizam a brincadeira de nomeação da boneca. Reúnem-se os homens e as mulheres que se autodefinem como **Ihpôknhõxwýnh**. Armam-se com ramos de árvores ou folhas de palmeira do cerrado (veja fotos na página seguinte) e pegam qualquer pedaço de pau, pedaço de papel, ou uma garrafa vazia e agem como se estivessem realizando o ritual de nomeação de uma criança. Repetem o mesmo discurso que se faz quando se está

---

<sup>6</sup> Nas cerimônias de junho e julho de 1997, foi servido arroz e carne de gado. Já na cerimônia de julho de 1999, não cozinham no local onde estavam as toras, sendo oferecidos dois grande bolos de mandioca (os **xwýkupu**).



Membros da metade Hipôknhōxwýnh

Acima. Homem (Nhĩnô) sobre um saco de plástico simbolizando uma esteira. Trás no colo uma boneca representando uma criança a ser nominada por Atorkrã.

Ao lado. Homens e mulheres “agridem-se” com galhos de árvores e folhas de palmeiras. No primeiro plano, Atorkrã e Irepxi



nominando uma criança. Ao terminar a "nomação", “agridem-se” mutuamente com os ramos, provocando grande agitação e algazarra na platéia.

Logo após as mulheres, os velhos e as crianças voltam à aldeia. No local em que está a tora ficam somente os corredores, acompanhados por algumas mulheres. Estas devem iniciar o canto de **mẽ mỳr mãati**. Outras mulheres colocam-se ao longo do trajeto da corrida para que a tora seja sempre acompanhada do canto das almas.

Todos ficam esperando até que as pessoas chegam na aldeia. Entre os que ficam junto às toras, reina quase um silêncio. Há uma certa tensão no ar, como se estivessem presentes todos os **mẽ karõ**. Os Apinaje afirmam que, de fato, os **mẽ karõ** também participam da corrida de tora, sendo mesmo que tentam, em alguns casos, carregar a tora. Eles têm certeza disso quando ocorre uma ameaça ou, de fato, uma queda da tora durante a

corrida. Dizem que é um **mẽ karõ** que está tentando pegá-la ao ombro do corredor. Antes de iniciar a corrida final, o time da metade **Waxmẽ** posiciona-se ao lado da tora correspondente àquela metade. O mesmo acontece com o time do **Katãm**. Canta-se, então, a última parte da cantiga do **pàrkapê**. Algumas pessoas chegam até as toras e começam a balançá-las de um lado para outro. Da mesma forma, experimentam seu peso, levantando-as sendo que um homem segura em cada ponta.

Terminada a execução da cantiga do **pàrkapê**, entra-se em compasso de espera para o início da corrida. No momento em que se avalia que as pessoas já chegaram na aldeia, dá-



**Pàrkapê** chegando no pátio da aldeia São José

se início à corrida. As duas toras são levantadas juntas, ao mesmo tempo em que as mulheres presentes dão início ao **mẽ mỳr mãati**. Apesar de serem levantadas simultaneamente, a tora de **Waxmẽ** sai na frente. Durante todo o trajeto, as mulheres que acompanham a corrida cantam o **mẽ mỳr mãati**. Outras

delas se posicionaram ao longo do trajeto, de tal forma que vão se incorporando à corrida cantando o **mẽ mỳr mãati**. Uma vez que a tora de **Waxmẽ** saiu na frente, ela também será a primeira a chegar. Assim, ao chegarem na aldeia, as toras são recepcionadas no pátio pelos moradores e visitantes. Ao contrário das outras corridas, as toras do **pàrkapê** não são atiradas ao solo. Elas são colocadas em pé, devagar, no centro do pátio (veja foto acima). A partir daí, as mulheres choram lamentando-se, enquanto derramam água sobre as toras tal como fazem com os corredores.

Após a lamentação, as toras são carregadas para a casa onde a pessoa (ou as pessoas) que está sendo representada, vivia. Cada uma segue caminhos diferentes, indo para casas distintas. Dentro das casas elas são colocadas sobre esteiras ou panos, ocorrendo novamente



Toras do **pàrkapê** sendo levadas ao cemitério

lamentações, sendo comum que as mulheres tentem algum tipo de autoflagelação (entristecidas com a lembrança do falecido), como por exemplo, os saltos e quedas ao solo. Após a lamentação, pode ocorrer também o ritual de nomeação das toras.

Após passar por todas as casas onde viviam as pessoas representadas na tora, elas



Tora do **nàrkanê** sendo colocada sobre o túmulo

são conduzidas até o cemitério (foto acima) e colocadas sobre o túmulo da pessoa representada (veja foto ao lado). A tora pode, ainda, ser deixada na casa de uma das pessoas representadas, sobretudo quando havia mais de um falecido sendo representado. Tanto no cemitério, quanto em

casa, as toras são deixadas ali até apodrecerem. Ao final, os corredores ganham um grande **xwỳkupu** que levam ao pátio. Ali, dividem-no entre si. Com isso, encerra-se o **pàrkapê**.